NOVAS PESQUISAS

"NUNCA MAIS CONSEGUI SER APENAS FILHA OU APENAS ANTROPÓLOGA"
Pesquisando minha própria mãe

Rafaela Rodrigues de Paula
Universidade Federal de Minas Gerais
Programa de Pós-Graduação em Antropologia | Belo Horizonte, Brasil
depaularafaelar@gmail.com | ORCID iD: 0000-0003-1978-2199

Introdução

No presente texto, constam reflexões e discussões de um compilado de partes da minha pesquisa de mestrado, intitulada Da Vida-Memórias de minha Mãe: contranarrativas autodefinidas de trabalhadoras domésticas racializadas do Dona Sinhaninha, Oliveira-MG (2024), na qual busquei inicialmente analisar as trajetórias de vida de trabalhadoras domésticas negras do bairro Dona Sinhaninha, na cidade de Oliveira-MG, questionando como as imagens de controle de mulheres negras (Collins 2019b), tais como mammy, doméstica/mãe preta (Gonzalez, 2020), perpassam o cotidiano dessas mulheres, as relações estabelecidas com as pessoas que as empregam e as suas autodefinições (Collins 2019c). Especialmente as reflexões deste trabalho partem da parcela mais inquietante e mobilizadora da minha pesquisa de dissertação, que compreende a discussão realizada sobre as dimensões do fazer pesquisa na antropologia com uma parente-interlocutora (Damásio 2021), mobilizando, assim, reflexões acerca das construções do Outro na escrita e das relações nas pesquisas antropológicas.

O motivo dessas inquietações mobilizadoras da pesquisa se deu, como intitulado o texto, por ser minha mãe uma das trabalhadoras domésticas. São mobilizadoras, uma vez que me entusiasmou emocionalmente entender a pesquisa como uma espécie de homenagem a ela, ao enxergar na sua história de vida uma potencialidade enorme para reflexões maiores acerca da vida de mulheres negras inseridas no trabalho doméstico remunerado. Por vezes, também, surgia como uma espécie de acerto de contas com o passado, com a criança Rafaela que acompanhou sua mãe durante toda infância nas casas em que ela trabalhava. Mas também existia uma inquietação, porque, nesse momento em que escolho narrar sobre a história de vida da minha

CC BY

mãe dentro da antropologia, ela passa também a ser localizada como meu Outro antropológico, inquietando-me, assim, em relação às críticas às proximidades e às construções de uma distância para com o Outro pesquisado, que são tão defendidas para os trabalhos antropológicos

Procuro, assim, ao longo desta reflexão, a partir de relatos etnográficos oriundos da realização de uma pesquisa em casa, entre parentes (Damásio 2020), discutir o desafio que é tensionar os lugares de aproximações e distâncias que, por vezes, me tornam "quase da família" antropológica (Damásio 2020; Dias 2019), bem como trazer e apresentar elementos que demonstram todas as coexistências das minhas posições como filha da minha mãe-interlocutora. E por último exponho um breve relato que a pesquisa de campo potencializou entre mim e minha mãe sobre nossa relação de maternidade-filiação como um espaço seguro.

Ser filha antropóloga

Fonte: Arquivos pessoais da autora (2000).

Na fotografia acima, somos eu e minha mãe, Luzia; duas mulheres negras, mãe e filha. Eu provavelmente com alguns meses, minha mãe com trinta e três anos. Estamos posando para a foto na porta da casa de uma das patroas dela. Minha mãe foi trabalhadora doméstica desde os doze anos, quando, da Zona Rural de Carmo da Mata, muda-se para Oliveira (MG) e torna-se babá na casa de sua madrinha. Desde então realiza trabalhos domésticos em casas de famílias. E, desde que nasci, fui criada dentro da casa da foto acima (casa da patroa). Acompanhava minha mãe, que, numa maternidade solo, se desdobrava para trabalhar e cuidar de nós duas.

Quando decidi que queria pesquisar trabalhadoras domésticas negras, a história de minha mãe me pareceu um ponto-chave para iniciar a pesquisa. Foi ela que me levou e apresentou a duas outras interlocutoras, Sol e Lourdes. Realizar pesquisa com minha mãe logo me surgiu também como um desafio. Ficava me indagando o que pensaria a comunidade acadêmica, especialmente da antropologia, ao dizer que estava pesquisando minha própria mãe.

E acredito que esse desafio se complementava pelo fato de eu, autora, ser um corpo negro dentro da produção do conhecimento. Até descobrir que corpos como o meu, antes Outros e objetos de pesquisa da antropologia, ao nos tornarmos o Eu na produção do conhecimento, estamos propondo outras possibilidades de pesquisa, como a de pesquisar pessoas próximas.

Importante salientar que, como reflete o antropólogo Leandro Oliveira (2023:218), "a institucionalização da antropologia, como disciplina acadêmica, no século XIX, ocorreu em sintonia com ideais de cientificidade" de práticas de pesquisas hegemônicas que apostavam no distanciamento entre sujeito pesquisador e o objeto do conhecimento (Outro) como "estratégia de produção da verdade" (Oliveira 2023:216), assegurando que os pesquisadores "produziria[m] representações acuradas da realidade, a despeito de predisposições pessoais, afetos ou escolhas ideológico-políticas" (ibid.). Posteriormente, no século XX, passa a ser instituída na disciplina a observação participante como fonte central. Através do trabalho especialmente de Malinowski, o distanciamento entre pesquisador e objeto é remediado pela posição de tal método, que pressupõe um contato maior entre eles a partir do convívio e de partilhas diárias realizadas em campo. E, como pontua Oliveira (2023), esse contexto de maior contato era ainda acompanhado de "estratégias de escrita sustentadas em um apagamento, no texto, da pessoa do etnógrafo, sugestivo da premissa implícita de que sua subjetividade seria na melhor das hipóteses irrelevante e na pior um óbice" (ibid.:219).

A antropóloga palestina-americana Lila Abu-Lughod (2018) apresenta como a inserção de feministas e mestiças/os na antropologia potencializou mais esse deslocamento da "fronteira entre si e os Outros" (ibid.:194), fazendo tal área do conhecimento se deparar com dilemas específicos da construção da oposição e distanciamento na antropologia. Abu-Lughod traz a reflexão de Strathern (1985) sobre as feministas na antropologia ocuparem um lugar de tensão, por não haver as delimitações entre o eu e o Outro nos temas de pesquisas e por terem de lidar com essas delimitações na antropologia. Abu-Lughod (2018) argumenta, na sequência, que tanto feministas quanto mestiças/os (e aqui incluo nós, pessoas negras) e indígenas na antropologia têm "o bloqueio na habilidade de assumir confortavelmente o eu da antropologia" (ibid.:197). Por muitas vezes, em nossas pesquisas, estarmos tão próximos do campo pesquisado torna difícil ou quase impossível fabricar um distanciamento. E a autora complementa com uma pergunta: "o que acontece quando o 'outro' estudado por antropólogas/os é simultaneamente construído, ao menos em parte, como um eu?" (ibid.).

Nesse sentido, as reflexões, relatos e tensionamentos da antropóloga Ana Clara Damásio (2021a) trazem exemplificações desses dilemas sobre proximidades e distanciamentos na pesquisa. Damásio (2020) realizou pesquisa de campo em Canto do Buriti (PI), pesquisando sobre envelhecimento na cidade. A antropóloga, que passou a conviver com a avó, descobriu dentro de casa, na própria família, as interlocutoras para sua pesquisa, nomeando-as parentes-interlocutoras. E nesse processo discute as dificuldades, dilemas teóricos em pesquisar um Outro próximo, argumentando que "o sentido de construir uma alteridade quando você narra sendo também parte do 'Outro' é deslocada e muda consideravelmente quando estamos falando de uma pesquisa entre parentes" (Damásio 2021:9).

Semelhantemente, o antropólogo Felipe Cruz, indígena do povo Tuxá Aldeia Mãe, em Rodelas, na Bahia, também tensiona essas questões, mas a partir da inserção e surgimento de

indígenas antropólogos. Cruz (2017) expõe a relação duradoura entre antropólogas/os e a população indígena, tendo por vezes sido um lugar ambíguo no qual esses/as pesquisadores/as se encontravam como aliados/as às questões indígenas e outras vezes assumiam uma postura característica "de práticas colonialistas, da tutela, e de relações de pesquisa pautadas por uma objetificação dos sujeitos pesquisados" (ibid.:98). A diferença e mudança que o antropólogo indígena aponta, nas palavras do autor,

> (...) é que hoje nós, que fomos outrora somente objetos de pesquisas, estamos também lendo o que tem sido produzido sobre nós, estamos interessados em acompanhar esse processo e queremos falar sobre nós mesmos, inclusive de dentro da antropologia. (...) Agora somos nós que nos dirigimos aos centros de produção de conhecimento sobre a alteridade (Cruz 2017:100-101).

E, ao ocupar os espaços da produção do conhecimento como antropólogos indígenas, encontram os desafios como aqueles apontados por Abu-Lughod (2018) de agora serem o Eu das pesquisas e não os Outros, ao mesmo tempo em que lidam com as armadilhas de produzir e pesquisar muitas vezes sobre Outros tão próximos, como as comunidades de origem, parentes, tensionando esses distanciamentos e a produção de alteridades.

Como alerta Damásio (2021b:21), "é impossível ignorar que parentes que pesquisam parentes fazem etnografias outras". Complementa a antropóloga que visibilizar essa diferença não é para dar o título de melhor a trabalhos feitos dessa forma ou de outras maneiras, mas, ao contrário, serve para ampliar as diferenças e permitir a coexistência das diversas formas e possibilidades de realizar pesquisas. No entanto, como bem coloca a autora (2021b:15), "para alguns antropólogos é mais fácil imaginar o fim da Antropologia do que novas formas de fazer antropologia". E tal pontuação, acredito, torna-se um desafio para quem se propõe a pesquisar na antropologia diante das condições de pesquisar entre parentes (Damásio 2021b), colocando em questão a todo momento se o que está fazendo é antropologia ou não e se tal pesquisa entre parentes será aceita pelos pares acadêmicos. Como reflete Damásio (2020:68):

> Hoje, me pergunto, seria eu uma "quase da família" (Dias, 2019) para a antropologia? Minha sensação e desconforto na academia emerge justamente pelas intersecções que atravessaram minha vida e das minhas parentes, que nos marcam e nos fazem. Até quando seremos os "estrangeiros de dentro"?

Tais questões são levantadas pela antropóloga Marilyn Strathern (2014) em *Os limites da autoantropologia*. Trazendo importantes ponderações em pensar a antropologia feita em casa, na própria sociedade, a autora inicia argumentando o que seria "estar em casa". Strathern argumenta que haveria dois conjuntos de suposições contraditórias sobre essa antropologia: a primeira é que antropólogas/os que estão nessa posição "não precisariam transpor barreiras linguísticas e culturais" (Strathern 2014:135) por estarem pesquisando em ambiente familiar, e a segunda é que essas pesquisas não trariam nada de novo sobre esse espaço, além de "mistificações desnecessárias". A questão é que ambas as suposições levam, segundo a autora, a pensar que a antropologia em "casa" sugere uma maior reflexividade. Nas palavras dela:

> A suposição é que tornamos mais conscientes tanto de nós mesmos convertidos em objeto de estudo, ao aprendermos sobre nossa própria sociedade, como de nós mesmos realizando o estudo, ao nos tornamos sensíveis aos métodos e ferramentas de análise (ibid.).

Strathern irá, então, contrapor-se a essas perspectivas apontando que o fato de a/o antropóloga/o ser membro daquela cultura ou sociedade não a/o fará adotar posições inadequadas e, principalmente, tensionará seu lugar como antropóloga/o inserida/o no que seria o "lar" da antropologia.

> A reflexão nativa é incorporada como parte dos dados a serem explicados, não podendo ela mesma ser tomada como seu enquadramento, de modo que há sempre uma descontinuidade entre a compreensão nativa e os conceitos analíticos que organizam a própria etnografia. Estes derivam de um enfoque teórico específico, que poderá tornar o comportamento do(a) antropólogo(a) inteligível (como "acadêmico"), mas não necessariamente o que ele(a) escreve (Strathern 2014:136).

É nesse sentido que os antropólogos Luiz Fernando D. Duarte e Edlaine C. Gomes (2008) apresentam essa discussão na introdução da obra *Três Famílias*, que envolveu pesquisar três famílias, sendo duas delas as próprias famílias dos autores. Os antropólogos ponderam como estarem inseridos no campo da antropologia, nas discussões antropológicas, e, posteriormente, pesquisar as próprias famílias fez com que "incorporassem complexos instrumentos de pesquisa, observação e estranhamento ao longo de sua formação. Mesmo aquilo que seria uma 'familiaridade familiar' passa por um processo de autoconsciência e de reflexividade que, de forma alguma, exclui o que foi apreendido" (Duarte; Gomes 2008:32).

E, em partes, dialogo com Strathern (2014) e Duarte e Gomes (2008). Realizar pesquisa em casa não nos afasta dos espaços de formação. Senti a formação como antropóloga presente a todo momento, desde as pequenas marcas, como encher minhas interlocutoras de perguntas, até ter registros sobre as trajetórias de vida delas, os espaços ocupados por elas, as posteriores anotações em um diário de campo, que vinham acompanhadas com referências bibliográficas que dialogavam com aquela realidade. Acredito, porém, ser necessário ressaltar que em tal pesquisa, e em tais pesquisas entre parentes, é impossível esse lugar de antropóloga não coexistir com as outras posições ocupadas diante das/dos interlocutoras/es parentes.

Eu fui, nessa pesquisa, eu, Rafaela, Rafa e filha. Por mais que eu estivesse nessa situação de acompanhar minha mãe como trabalhadora doméstica até meus quase quatorze anos, nos dias em que me propus a realizar campo com ela, além de perceber meu olhar mais atento a cada detalhe desses dias que passamos juntas, procurei registrar o máximo de coisas possível posteriormente no caderno de campo. Senti que, além de ser um dia como os outros entre filha e mãe, foi um dia em que me coloquei a ser antropóloga-filha com minha mãe-interlocutora.

E tais posicionalidades também eram percebidas pela minha mãe quando afirmava "hoje eu estou muito chique, vou ser entrevistada pela antropóloga" e dava altas risadas. Em um dos primeiros momentos em que resolvi entrevistá-la, mobilizada por uma disciplina de Grafias da Vida de que participei no segundo semestre de 2022, resolvi desenvolver esse primeiro momento de entrevista com minha mãe. Aproveitei que precisaria ir a Oliveira em outubro de 2022 para votar nas eleições presidenciais, então encontrei oportuna ocasião para ter essa primeira conversa. Entre as ligações diárias que faço com ela, eu a informei de que queria fazer uma pequena entrevista, o que terminou se tornando uma longa entrevista. No dia 30 de setembro de 2022, saí no fim de tarde de Belo Horizonte-MG para pegar carona com um colega para irmos a Oliveira-MG. E no dia 1° de outubro de 2022, véspera de eleições de 2022, sábado, fizemos esse primeiro momento de entrevista.

Perguntei à minha mãe em qual cômodo da casa ela gostaria de fazer a entrevista, e ela escolheu a copa, que é esse cômodo anexo "à cozinha, usada para fazer refeições ou para guardar alimentos, louças, talheres e outros utensílios" (Dicio 2023). Esse é o espaço onde há a maior mesa da casa, de madeira, com seis lugares, herdada da família do meu padrasto. O ambiente tem dois armários: um de madeira escura e outro branco. A mesa fica no centro do cômodo, e os armários um do lado do outro na mesma parede. No armário de madeira, ficam expostos muitos porta-retratos, a maioria com fotos minhas em viagens, festas de família e apenas uma de minha mãe, Luzia, e Itamar, meu padrasto, em um Natal.

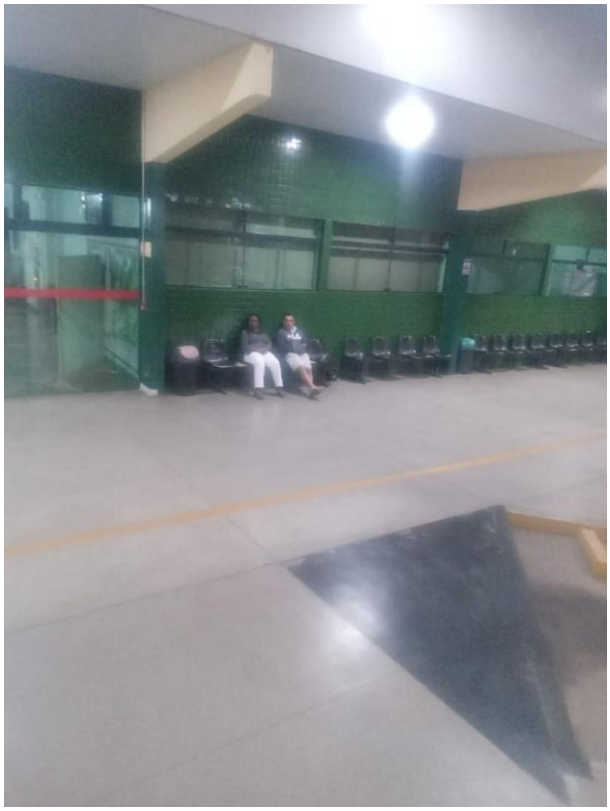
Minha mãe arrumou a mesa, fez um café, que serviu com biscoitos da feira que ela frequentava todos os sábados de manhã. Colocando para uso a coleção de xícaras mais nova que ela tem, sentou-se de frente para mim, e naquele cômodo e naquela posição foi onde realizamos todas as entrevistas. Quando dizia "mãe, hoje podemos conversar mais um pouquinho?", ela respondia que sim, e dizia qual horário (normalmente finais de semana, ou fins de tarde). E no horário ela me chamava, pedia silêncio ao meu padrasto, que normalmente estava em casa assistindo à televisão, e algumas vezes nos "bisbilhotava" para saber a que horas ia acabar, ou para pedir alguma coisa, e muitas outras vezes para complementar alguma informação que minha mãe estava falando. Mas assim fizemos as entrevistas, num processo que partia dela. No horário em que marcamos, ela já ia ficar sentada na cadeira da mesa da copa.

Esse é um pouco do lugar que Damásio (2021a) irá colocar ao contar da sua pesquisa entre parentes-interlocutoras e dos múltiplos espaços que passamos a ocupar. Diz a antropóloga: "eu era a neta, a filha, a sobrinha, mas também era a pesquisadora e a fotógrafa" (Damásio 2021a:12). E eu naquele momento me sentia ocupando esses por vezes confusos espaços entre filha e pesquisadora com minha mãe-interlocutora. Naqueles momentos de pesquisa em casa com minha mãe, não existia a possibilidade de provocar um fictício apagamento de nossa relação de anos e tentar provocar um forçado distanciamento e estranhamento.

Residindo na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, tendo em vista a pesquisa, organizei-me de forma a realizar viagens para Oliveira com mais frequência, principalmente entre os meses de março e julho de 2023, o que teve como consequência um número maior de viagens para a cidade para além das costumeiras realizadas em feriados e aniversários de parentes. E, durante cinco meses, todas essas idas programadas, que duravam de dez a quinze dias[1], com intervalos de uma semana em que retornava a Belo Horizonte e depois voltava para ficar mais quinze dias, tinham como foco principal a realização da pesquisa. Mas também se transformavam mutuamente em visitas à minha família, durante as quais o lugar da filha tinha posição garantida. Numa segunda-feira à noite, peguei a conexão do ônibus que fazia o trajeto Belo Horizonte – Oliveira. Já tinha conhecimento dos contínuos atrasos desse trajeto, fazendo o que normalmente duraria duas horas chegar a três ou quatro horas na estrada, e nesse dia foi mais um desses de atraso. Cheguei à rodoviária de Oliveira à noite, com sono, fome, frio, suja e

[1] Ao longo da pesquisa realizada, e traçando as abordagens que seriam feitas às trabalhadoras naqueles meses, percebia que estar em Oliveira em dias de semana (de segunda a sexta-feira) de nada adiantava para ter o contato e conversa com as trabalhadoras, as quais estavam em dias de trabalho e já chegavam ao final do dia exaustas, sem disposição para conversas. Assim, começo a entender os finais de semana, principalmente o domingo, que era o dia de folga do trabalho delas, como dias essenciais para estar em Oliveira, quando elas se colocavam à disposição para conversar.

indignada com aquele atraso.Todos esses incômodos foram colocados de lado ao olhar pela janela do ônibus e ver uma cena que no dia me emocionou e fiz questão de registrá-la, como demonstra a foto abaixo.



Fonte: Arquivos pessoais da autora (2023).

Tal cena era: minha mãe e meu padrasto juntinhos, carregados de roupas de frio, esperando-me sentados na rodoviária da cidade. E, ao verem o ônibus estacionar, logo levantaram correndo, encaminharam-se próximo à porta, carregaram minhas bagagens. Quando cheguei à casa deles em Oliveira, que é bem próxima da rodoviária, fui recebida com um jantar "fresquinho", com um dos meus cardápios favoritos (arroz, costelinha, mandioca e feijão cozido do dia). Jantei e me direcionei para o meu quarto na casa deles, no qual passei toda a minha adolescência, arrumadinho, com lençol e cobertores postos na cama. Ao deitar pensando sobre o dia, entendi que minha mãe e meu padrasto não estavam recebendo apenas a antropóloga e sim a filha deles.

Tais relatos também carregam os prazeres de uma pesquisa com a própria família, com proximidades bem estabelecidas, mesmo que morando em cidades diferentes. Ao me encaminhar para a cidade do meu campo, que é também minha cidade natal, eu tinha a certeza de onde poderia residir e, melhor, de que iria residir no espaço aconchegante e acolhedor que é casa de minha mãe. Não era apenas a casa de uma das minhas interlocutoras, como foi o caso de Jurema Brites (2000), que relatou que se hospedou na casa da uma trabalhadora doméstica para a realização da pesquisa em Vitória (ES). Era a casa da minha mãe-interlocutora.

Brites (2000) expõe como, mesmo estando na casa da trabalhadora, a posição dela como patroa não deixou de existir. Nas palavras da antropóloga: "durante o tempo em que morei no Jardim Veneza, jamais meu lugar social foi perdido de vista. Tornei-me íntima de muitas pessoas, ouvi confidências e nos divertimos também; no entanto, mais que estrangeira, eu raramente deixei de ser patroa" (ibid.:189). Obviamente, há uma nítida e singular discrepância entre ocupar a posição de patroa e a minha posição de filha na casa de uma trabalhadora doméstica, no entanto a questão aqui é demonstrar como essas posições outras que possamos ter influenciam diretamente os diferentes olhares e demandas das nossas interlocutoras para conosco, especialmente numa pesquisa entre parentes.

Como relatou Brites (2000), na posição como patroa residindo na casa de uma trabalhadora doméstica-interlocutora, foram-lhes dados os melhores aposentos e refeições, como também foi cobrada por essas hospedagens e por demandas outras da família. Eu, como filha, foram-me permitidas outras comodidades, descanso e conforto, tudo regado a muito afeto e bajulação, bem como outras demandas atreladas à relação de parentesco. Conforme expõe Damásio (2022:11), "a relação de parentesco envolve relações de dever e obrigação", especificamente quando adicionamos o gênero ao parentesco. A minha posição de filha diante da minha mãe era de fazer tarefas na rua (ir à lotérica, ao banco, ao supermercado), tarefas domésticas da casa, auxiliar minha mãe em atividades estéticas (auxilia-lá a pintar e secar os cabelos, lixar e pintar as unhas das mãos) e acompanhá-la em eventos, funções que me foram remotamente ensinadas e que, quando morava com ela, tinha o dever e a obrigação de realizá-las.

Ao mesmo tempo em que tal relação de parentesco que sempre existiu em minha vida se fazia presente na pesquisa, não havia a possibilidade de dizer que não existiu um olhar e um lugar novo e estranho a ser tensionado, uma vez que nunca antes eu e minha mãe estivemos nessa relação de pesquisadora-interlocutora. Tais relações – interlocutora e pesquisadora, mãe e filha – precisavam se misturar, porque eram tensionadas ora pela primeira, ora pela segunda. Depois que comecei a pesquisar o trabalho doméstico, digo sempre que "nunca mais consegui ser apenas filha": toda e qualquer conversa que tinha com minha mãe e quando ela falava do seu trabalho, surgia a antropóloga "faminta" por informações.

Em um dos dias em Oliveira, na casa de minha mãe, ela tinha saído para trabalhar cedo, e recebi a visita[2] de Matheus, um dos meus melhores amigos da vida. E, entre nossas longas conversas, percebi que estava anoitecendo e minha mãe não tinha chegado. Ela sai às seis da manhã; eram dezoito e trinta da noite e não estava em casa. Pouco tempo depois, escuto o barulho das rodinhas do carrinho de feira se aproximando: era minha mãe, que chegou reclamando, relatando todas as confusões que no dia tinham acontecido na casa em que ela trabalha. Ela estava desabafando comigo e meu amigo, e ao mesmo tempo eu a estava ouvindo tanto como filha quanto como pesquisadora, acolhendo seu relato, identificando os desgastes, reclamações e violências simbólicas de uma trabalhadora doméstica que não tem o horário de

[2] Receber visitas é outro fator que o retorno à cidade natal sempre causava. Depois de algumas viagens para a cidade de Oliveira, as quais tinham como objetivo encontrar outras interlocutoras além de minha mãe, descobri que no primeiro dia na cidade nunca podia marcar um desses encontros, pois a casa da minha família era cercada por amigos e amigas meus do ensino médio que queriam me atualizar da vida deles/as, ou de parentes e vizinhas/os que queriam "matar a saudade".

trabalho respeitado. Essas posições de filha-pesquisadora, que se misturam ao realizar pesquisa com a própria família, ressalta a latente diferença desse tipo de pesquisa em relação a outros, como destaca Ana Clara Damásio (2021b:8):

> Existe uma diferença entre quem pesquisa-experiencia-explica e volta para casa; e entre quem vive-experiencia-explica e que nunca volta para casa, pois o campo é dentro de casa, do sangue, do próprio grupo, em suma, é um campo-para-toda-vida e em-processo-de-vida.

E a necessidade de coexistência desses meus lugares também era percebida quando realizei pesquisa com Sol, outra interlocutora, que é colega de anos da minha mãe. As duas trabalham há mais de trinta anos em casas da mesma rua do bairro Dona Sinhaninha, e Sol mora no bairro bem próximo à casa da minha família. Assim como demonstrei em outros momentos, ela está marcada na memória desde sempre como mais uma trabalhadora que vi na infância. Sol, em um dos nossos primeiros encontros, direcionou toda a conversa em direção à minha vida; e, entre os diversos relatos, ela compartilhou a lembrança de me ver acompanhando minha mãe no bairro em que elas trabalhavam.

Entre tais relatos, um deles me foi instigante. Ela conta de uma interação com minha mãe: "eu lembro de você 'pititinha'. A primeira vez que sua mãe foi levar 'ocê' pra creche, era lá na subida do Alto[3], foi de manhã. Eu olhei para Luzia, a Luzia tava num choro! E levei um susto. Eu falei: 'o que que foi, Luzia?'". Nesse momento, Sol começa a imitar a voz da minha mãe chorando, e complementa: "'eu acabei de deixar a Rafa lá na creche'. E chorava. E eu falei: 'ó, gente, mãe sofre!'. Eu não esqueço dessa cena... encontrar com ela lá perto do fórum. Mas ela chorava, porque tinha levado você pra creche".

Essa cena que Sol relata é instigante, uma vez que essa mesma história do choro ao me levar para a creche é contada pela minha mãe, Luzia, em outros momentos da pesquisa, quando ela expõe, como uma das piores experiências da maternidade, deixar a filha bebê na creche. Mas essa lembrança/relato de Sol de me ver "pititinha" e de ver a mãe que deixou a criança pela primeira vez na creche refletia para mim como Sol me enxergava além de uma pesquisadora que queria saber mais da vida dela; ela enxergava também a filha da colega de trabalho, a Rafa (apelido pelo qual ela se referiu a mim durante a maioria dos momentos de pesquisa), filha da Luzia, a criança que ela viu crescer.

Semelhantemente, o antropólogo Everton Rangel (2015) realiza uma pesquisa com bailarinas/os num grupo circense de que anteriormente sua mãe fez parte, sendo que ela o colocou em contato com as/os artistas que eram suas/seus amigas/os. Rangel explora como, ao investigar tal grupo, ele circulava entre as/os interlocutoras/es como filho (Rangel 2016). E acrescenta que, diante da posição de filho, os momentos de conversas eram marcados por uma persistência das/os bailarinas/os em retomar a trajetória de vida da mãe dele como uma "mãe sacrificial" (Rangel 2016:161). Relata que "reivindicavam que o filho reconhecesse o espaço e trajetória de luta da mãe" (ibid.:154), a qual renunciou a muitas coisas para lhe oferecer melhores condições de vida. E, atrelado a esse discurso, aparecia, durante a realização da pesquisa, uma posição desenvolvida de cuidado e atenção que se assemelhava, segundo Rangel (2015), ao

[3] Alto é o nome popular utilizado na cidade de Oliveira para se referir ao bairro São Sebastião, que fica realmente numa região mais alta do município. Fiquei desde os meus primeiros meses até os quatro anos nessa creche municipal, chamada "Pé de Manacá".

maternal. Diz o antropólogo: "Se fui durante anos visto como alguém que foi e deveria ser cuidado, poderia querer realizar qualquer estudo no circo e nos seus arredores refutando essa posição? A resposta é simples: não" (Rangel 2016:152).

Tais pesquisas realizadas entre parentes também são vida contínua, uma vez que, quando se finaliza a pesquisa, continuamos parentes: eu continuo filha, a interlocutora continua minha mãe, e Sol continua a colega de minha mãe. Por isso, podem surgir receios em relação à pesquisa e aos seus limites. Nesse sentido, a antropóloga Carolina Castelliti (2022) tensiona parte desses receios e relata como ela administrou a questão. Realizando pesquisa com comissárias de porto no Brasil, sendo uma delas a tia do seu marido, ela assumiu a posição de sobrinha-pesquisadora com uma tia-interlocutora. A partir dessa relação, Castelliti relata que tomou duas decisões em relação a essa pesquisa com a tia: a primeira é que seguiria o mesmo roteiro de entrevista com a tia que seguiria com as outras interlocutoras; e a segunda posição foi dar para a tia Claudia a cópia de um texto seu que já continha indícios da pesquisa, trazendo a percepção da tia-interlocutora:

> Em relação ao meu texto, Claudia respondeu ao meu e-mail dizendo que havia se emocionado ao ser "citada logo no início" e que, tendo começado a ler como "leiga em antropologia", passou a "cada vez mais se envolver com o meu trabalho". Ela também insistiu em usar seu nome verdadeiro, porque "não tinha vergonha de nada do que ali se dizia" (Castelliti 2022:288, tradução nossa)[4].

Tendo alguns desses receios principalmente em relação à minha mãe pelo vínculo próximo de mãe-filha que sempre tivemos, e percebendo como, para ela, as minhas posições estavam ali coexistindo, filha-antropóloga, indaguei como ela estava se sentindo, o que pensava sobre eu estar ali pesquisando com ela e com outras trabalhadoras domésticas também, e Luzia, minha mãe, disse:

> Ah! Eu acho que você acha interessante a minha vida, eu acho importante "ocê" interessar pela história de sua mãe, história de vida da sua mãe. Você podia, assim, até esconder, mas não: você quer mostrar para todo mundo quem sua mãe é, o que sua mãe faz. Eu acho bonito isso (Entrevista com Luzia, 2023).

E eu continuei interrogando-a sobre os sentimentos em ver a escrita sobre a vida dela publicizada em uma pesquisa, que, como ela mesma disse, "todo mundo poderia ler". E minha mãe respondeu acompanhada de uma risada alta: "uai, tranquila, essa é a Luzia". A partir dessa fala de minha mãe, carregada de muita emoção, a qual também me emocionou, tranquilizei-me em relação à dimensão de expor seu nome, mas também percebi os novos significados que a pesquisa ganhava para nossa relação de mãe-filha. Nesse sentido, Damásio articula como a pesquisa dela, exigindo o maior contato com as parentes-interlocutoras, lhe possibilitou o processo de "fazer antropologia" e também "fazer família". Afirma a antropóloga que "era um fazer-pesquisa que agia como dispositivo para fortalecer as relações de parentesco" (Damásio 2021a:19). Ela continua:

[4] Citação original: "En relación a mi texto, Claudia respondió mi email diciendo que se había emocionado por ser "mencionada de entrada" y habiendo iniciado la lectura como una "lega en antropología", se fue "involucrando cada vez más con mi trabajo". También insistió en que usase su nombre verdadero, porque "no tenía vergüenza de nada de lo que era allí dicho" (Castelliti 2022:288).

> Felizmente as relações de parentesco seguiram mais fortes que nunca graças também à pesquisa, pois além de passar a conhecê-las enquanto pesquisadora pude também conhecê-las enquanto alguém que fazia parte daquele grupo, por mais que nunca houvesse convivido com ele e nisso ocorreu o "espessamento" das nossas relações de parentesco (Carsten 2014) (ibid.:15).

Ao realizar a pesquisa com minha mãe, percebia como meu olhar para a realidade dela, o qual já era o "olhar de parente" (Damásio 2021b), ao se misturar com o novo "olhar antropológico" me fazia compreender e conhecer maiores detalhes da trajetória de sua vida que antes ficavam perdidos entre as nossas conversas e que a pesquisa me auxiliou a visualizar. Conforme Damásio (2023) relatou de forma cuidadosa e afetuosa sobre sua mãe, entre as parentes-interlocutoras a antropóloga foi descobrindo, a partir da intimidade do parentesco inserida na pesquisa etnográfica, "vários pedaços da mãe, a que antes nunca tivera acesso" (Damásio 2023:194). E, de semelhante maneira, percebia que visualizava na minha pesquisa a trajetória de vida de Luzia, que é minha mãe, trabalhadora doméstica, mas foi menina, mulher e experienciou diversas posições para além dessas que eu conheci em vida e que, na prática da pesquisa, pude conhecer um pouco mais.

E, nessa coexistência de relações de cumplicidade entre mãe-interlocutora e filha-antropóloga que permitiu novas descobertas sobre minha mãe, emergiam questões referentes aos dois lados existentes do gerenciamento da exposição encontrados nesta pesquisa. O primeiro diz respeito à posição de parentes-antropólogas/os diante das exposições de parentes-interlocutores/as. Por vezes a minha mãe-interlocutora compartilhava, em nossas longas conversas, informações delicadas demais, de modo que, mesmo que anteriormente ela tivesse explicitado não ver problema em ter sua trajetória publicizada, existiam conversas que, como bem apontou Damásio (2021c), são segredos de família que as parentes-interlocutoras compartilham conosco, parentes-pesquisadoras, mas que são informações que nós temos evidente compreensão de que não podem ser expostas na pesquisa. Como explicita Damásio (2021c), "compartilhar alguns 'segredos' seria comprometer e constranger (principalmente moralmente) meus parentes e família. É por isso que aponto que ser parente não oferece acesso irrestrito ao que ocorre no campo pesquisado" (Damásio 2021c:7).

Nesse sentido Damásio, propõe uma reflexão sobre como tal decisão de exposição desses segredos de família é semelhante à de um/a pesquisador/a em outro tipo de pesquisa que se depara com informações que, por motivos diversos, não podem ser expostas para preservação da pesquisa e daqueles/as que dela participaram. Em consonância com Damásio (2021c), Castelliti (2022) também ressalta que tais angústias sobre exposições de "segredos" extrapolavam a família da tia-interlocutora, abarcando também as outras interlocutoras dela:

> (...) deveríamos assumir a posição jornalística de desenterrar segredos, levantar suspeitas e insistir no que é deixado de lado; ou devemos, antes, manter-nos atentos, procurar perceber o caráter elusivo de certas questões e levar a sério as pausas e reservas dos nossos interlocutores, atribuindo-lhes o valor que têm no quadro subjetivo a que pertencem? O segundo caminho sempre me pareceu o mais ético e científico possível (Castelliti 2022:291, tradução nossa)[5].

[5] Citação original: "(...) ¿debemos asumir la postura periodística de excavar los secretos, levantar sospechas e insistir sobre aquello que se deja de lado; o debemos, más bien, mantenernos atentos, procurar percibir el carácter elusivo de ciertos asuntos y tomar en serio las pausas y reservas de nuestros interlocutores,

O segundo lado do gerenciamento da exposição é justamente um trabalho que parte das/os nossas/os parentes-interlocutoras/es em decidir o que compartilham conosco ou não, inclusive perpassando a nossa posição como parentes deles/as. Castelliti (2022) afirma em relação à tia-interlocutora: "isso para mim ficou muito claro nos tipos de liberdades e restrições que a condição de ser 'casado com' o sobrinho da Cláudia permitia" (ibid.:284, tradução nossa)[6]. E destaca, por exemplo, como, em diversos momentos, existiam temáticas como as dimensões da sexualidade e vida reprodutiva que assumiam um caráter velado a partir da posição que ela ocupava, sendo por vezes muito difícil acessar esse tipo de informação como sobrinha.

Semelhantemente, percebi que, para minha mãe, quando também iniciava uma conversa que perpassava os relacionamentos que ela teve antes do atual, ou quando destrinchava as dimensões da maternidade solo que ela viveu, que são assuntos sobre os quais em outros momentos não conversamos tanto, ela fazia o processo de administrar o que falar ou não. Como coloca Damásio (2021b), a realização da pesquisa com parentes, tendo essa intimidade, também não nos coloca em um acesso irrestrito às informações das nossas interlocutoras-parentes. Elas estão contando as trajetórias de vida delas, pela perspectiva e escolhas delas, e, assim, fazem o controle da própria narrativa.

Tais dimensões relatadas que abarcam a pesquisa realizada em casa, os questionamentos realizados dentro da antropologia, o controle das dimensões éticas da exposição, o explorar ou não temáticas que a intimidade do parentesco permite, todas essas questões, inclusive a possibilidade de realização de tal pesquisa, só foram possíveis de ser delimitadas pela coexistência das posicionalidades por mim ocupadas – Rafaela, filha, antropóloga negra – em todo o processo de realização da pesquisa, que, do campo à escrita, se fizeram presentes. Assim sendo, beneficiei-me do ponto de vista de forasteira de dentro que tais posições carregam. Pontos de vistas de entre-mundos (Anzaldúa 2005) e, como ressalta Figueiredo (2020:20), numa busca constante de romper fronteiras, "colocando os sujeitos que historicamente estiveram à margem no centro da produção do conhecimento".

"Me realizo nas suas conquistas!": maternidades negras e espaços seguros

Ao realizar pesquisa com minha mãe, além de nos encontrarmos nessas posicionalidades como mãe-interlocutora e filha-antropóloga, nós também conseguimos encontrar, dentro da pesquisa, a potencialidade de conversa antes pouco feita entre nós sobre maternidade.

Collins (2019a) articula que mulheres negras mães, no geral, têm de se afastar e reconstruir tanto os significados da imagem de controle da mãe preta (Gonzalez 2020) que serve cuidado a outros brancos, "criada por homens brancos" (Collins 2019a:295), como também desconstruir a "ideia de 'mãe negra superforte'" (ibid.), perpetuada inclusive pela população negra.

atribuyéndoles el valor que tienen en el entramado subjetivo al que pertenecen? El segundo camino siempre me pareció el más ético y científico posible" (Castelliti 2022:291).

[6] Citação original: "eso para mí quedaba muy claro en los tipos de libertades y restricciones que la condición de 'casada con' el sobrino de Claudia permitía" (Castelliti 2022:284).

Especificamente o conceito de imagens de controle, segundo Collins (2019b), refere-se ao modo como as diferentes funções destinadas às mulheres negras escravizadas – seja na exploração do trabalho como cozinheiras, como amas de leites, como lavadeiras ou em outras funções, inclusive na ampliação do aproveitamento desses corpos para exploração sexual – possibilitaram a criação de imagens construídas sobre elas, imagens refletoras do interesse de grupos dominantes em manter a subordinação e o controle, denominando-as, por isso, de imagens de controle. Em vista disso, Collins (2019b) argumenta que tais imagens colonizadoras se fixaram na construção da representação dessas mulheres e continuam sendo mobilizadas ainda atualmente no cotidiano delas, servindo como justificativa às opressões interseccionais que perpassam as trajetórias desses corpos.

Collins (2019b) traz alguns exemplos de imagens mais conhecidas e utilizadas no contexto estadunidense, como a *mammy,* a qual representa a imagem da mulher negra benevolente, uma serviçal fiel e obediente, "criada para justificar a exploração econômica das escravas domésticas e mantida para explicar o confinamento das mulheres negras ao serviço doméstico" (ibid.:140). No Brasil, a antropóloga negra Lélia Gonzalez (2020) apresenta anteriormente a Collins (2019b), em seu clássico texto de 1983, *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, a manipulação e a naturalização de imagens na cultura do país sobre as mulheres negras, também ligadas às funções subalternas e surgidas por meio das posições coloniais que seus corpos ocupavam. Posteriormente, em 2000, é que Collins publica o conceito de imagens de controle, ainda que, nesse espaço de tempo entre as duas autoras, as dimensões evidenciadas por Gonzalez (2020) da figura da doméstica se aproximam das características da *mammy* (Collins 2019b).

Abrangendo diversas atividades realizadas por mulheres negras, Gonzalez (2020) remete à figura colonial da mucama e, a partir dela, origina a imagem da "mãe preta", aquela para a qual cabia todo trabalho doméstico de cuidado, tanto da casa quanto dos senhores, e mesmo a amamentação das crianças brancas.

O ponto é que tais imagens, para além de perpassar a vida de mulheres negras, especialmente no ambiente do trabalho doméstico, como destaco na minha dissertação (Paula 2024), passam a construir e a atribuir significados sobre a vida delas em outros âmbitos, como da maternidade, especialmente da maternidade negra destinada aos cuidados dos próprios filhos/as dessas mulheres negras.

Nesse sentido, Collins (2019a) convoca à reflexão sobre a maternagem sob o ponto de vista da mulher negra que é mãe, e não dos significados coloniais que são atribuídos à maternidade negra que se destina ao cuidado de outros, que vislumbra essa maternidade pelo viés da exploração do trabalho dessas mulheres. Expressa a autora:

> No contexto de uma política sexual que visa controlar a sexualidade e a fecundidade da mulher negra, as afro-americanas batalham para ser boas mães. Por outro lado, a maternidade pode ser um espaço no qual as mulheres negras se expressam e descobrem o poder da autodefinição, a importância de valorizar e respeitar a si mesmas, a necessidade de autonomia e independência, assim como a crença no empoderamento da mulher negra (ibid.:296).

A autora acrescenta que todas essas questões não invisibilizam as tensões existentes nessas maternidades negras (que são plurais) e podem envolver muitos sacrifícios, por vezes

sendo "um fardo que sufoca" (Collins 2019a:296) mulheres negras, envolvendo inclusive solidão dessas mulheres no ato de maternar seus próprios filhos. No texto que escrevo na minha posição de filha (negra) de uma mulher negra, que entrevistou sua mãe, os relatos que ela apresentou a mim sobre a maternidade podem ter omitido[7] muitas vivências que minha mãe escolheu não citar, justamente pela minha posição de antropóloga-filha. Como envolveu, em grande medida, relatos que muito me emocionaram sobre a maternidade, ela partilhou: "eu acho que mãe é a coisa mais linda do mundo. Sabe, assim... você me trouxe muita coragem, muita sorte, sabe? Para mim, foi muito importante para mim ser mãe".

Obviamente, a relação com minha mãe não é perfeita, e está longe de ser, mas cotidianamente, com meu amadurecimento e, em grande medida, com a realização da pesquisa (na feitura das entrevistas, relatos de minha mãe e sua história), percebo como há muitos elementos da construção do espaço seguro que criamos. Como aborda Collins (2019c), a relação das mulheres negras umas com as outras cria espaços seguros para nós: "No conforto das conversas cotidianas, em momentos mais sérios e nos bem-humorados, as afro-americanas, como irmãs e amigas, reafirmam a humanidade, o caráter singular e o direito de existir uma das outras" (Collins 2019c:188).

A poetisa, escritora premiada negra, senhora[8] Maya Angelou, que foi condecorada em 2011 pelo presidente Barack Obama com a Medalha Presidencial da Liberdade, ganhou três *Grammy Awards*, sendo a primeira mulher negra a estampar uma moeda nos Estados Unidos. Em sua obra Mamãe & eu & Mamãe (2020), dedicada a contar a história dela com a mãe, Vivian Baxter, no prólogo expõe:

> Com frequência me perguntam como consegui vir a ser o que sou. Como eu, nascida negra num país branco, pobre numa sociedade em que a riqueza é adorada e buscada a todo custo, mulher em um ambiente que apenas grandes embarcações e algumas locomotivas são favoravelmente descritas com o pronome feminino – como consegui tornar-me Maya Angelou? (...) eu sabia que me tornaria a mulher que me tornei por causa da avó que eu amava e da mãe que vim a adorar. O amor das duas me instruiu, educou e libertou (Angelou 2020:07).

Sem nenhuma romantização barata da maternidade construída pela sua mãe, Vivian, a senhora Maya Angelou descreve uma relação construída entre mãe e filha e destaca o que Collins (2019a) aponta sobre a construção dessa relação como espaço seguro, no qual "as mães negras frequentemente encorajam as filhas a desenvolver as habilidades necessárias para confrontar condições opressivas" (ibid.:307), entre elas o enfoque no trabalho e na educação dessas filhas, o que é muito relatado por Angelou na sua obra. Fato que sempre foi presente na minha relação

[7] Minha mãe passou por uma gravidez e maternidade solo, ainda que realizando uma maternidade coletiva, cercada de muitas/os amigas/os e familiares. Durante a entrevista, ela poucas vezes tensiona a minha figura paterna. Acredito que isso se dá por uma relação de respeito estabelecida entre nós, por entender que é um assunto delicado para mim, em nossas conversas cotidianas, e que, por isso, ela resolve, por um cuidado, não tensioná-la também nesse momento de entrevista.

[8] No presente trabalho, utiliza-se tal pronome de tratamento juntamente com o nome da autora, uma vez que, em entrevista em 1990, senhora Maya Angelou faz uma observação sobre a fala de uma jovem mulher afro-americana que, ao interrogá-la, a chama pelo primeiro nome. Senhora Angelou solicita que a jovem utilize, como forma de respeito à trajetória dela e ao seu tempo de vida, pronomes de tratamento como *Mistress (Mrs.), Auntie* ou *Doctor*. Vídeo disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=anEHiX_9wIE>. Acesso em 3 nov. 2023.

com minha mãe, Collins articula que: "As mães que são trabalhadoras domésticas ou convivem com brancos no trabalho (...) oferece às trabalhadoras domésticas uma visão de dentro e as expõem a ideias e recursos que podem ajudar seus filhos a ascender socialmente" (Collins 2019a:307-308).

Meus estudos sempre foram uma prioridade para minha mãe. Lembro-me de uma cena quando passei na UFMG, na graduação, e comecei a chorar quando pensava que talvez não fosse para a universidade, por causa da nossa condição econômica, e que não conseguiria permanecer. Lembro-me apenas de minha mãe abrir a porta do meu quarto e dizer: "para de choro, a gente vai dar um jeito! Você passou, você vai! Fica feliz!".

E tal posição de minha mãe gerou também uma posição e reivindicação política. Em 2022, época de campanha presidencial, minha mãe, meu padrasto e minha tia Ana foram a uma mobilização em Oliveira, a favor do então candidato à presidência Luís Inácio Lula da Silva. Quando me ligaram para contar como foi, meu padrasto dizia que minha mãe brigou com um eleitor de outro candidato, reivindicando a minha história como elemento para justificar o voto dela. Em entrevista que fiz num sábado pré-eleições presidenciais, primeiro turno, quando estávamos finalizando a conversa, cercada das emoções que aquele dia carregou, ela disse:

> Luzia: Eu fico doida para as pessoas me perguntarem por que eu voto no Lula.
>
> Rafaela: uai, eu te pergunto: por que você vota no Lula?
>
> Luzia: Por que eu voto no Lula?! Porque eu ser uma pessoa negra, não estudada, pobre, empregada doméstica, não ter carteira assinada, e minha filha é uma menina estudada. Então, assim, não é só os pobre que tem que agradecer, até os ricos também, porque tem muito rico inteligente, passa numa federal, estuda, e os pais deles têm como comprar um apartamento pra eles morar porque não tá pagando faculdade. E eu, toda vez eu falo mesmo, os pobres e negro, ou pode ser os rico branco, têm que agradecer o Lula, sim. Esse orgulho eu vou levar comigo pra debaixo da terra: ter uma filha estudada, méritos dela, mas teve ajuda de muita política. E espero de amanhã, Lulalá! (Entrevista Luzia, 2022).

Como afirma Collins (2019), mães negras estão a todo momento travando embates com o mundo, com as políticas de opressões interseccionais e locais, para que as filhas tenham ferramentas possíveis para desenvolver "habilidades que as 'levarão aonde elas quiserem'" (Collins 2019a:309). Em entrevista, questiono minha mãe-interlocutora se alguma vez ela ficou com medo ou receio de que eu pudesse não ter continuado a minha formação, ou ter escolhido algum outro caminho, e ela relata:

> Luzia: não, nunca pensei de você extraviar, eu sempre penso assim... eu sabia que você ia ser uma pessoa assim que não ia me decepcionar nunca, sabe? Eu apostei em você, esse vai ser o meu modelo, essa é a minha vitrine. Eu sabia que você ia ser uma pessoa responsável, que a dona Helena sempre falava assim, que eu não precisava preocupar com você, porque você já veio com sua bagagem pronta, para ser responsável, entendeu? Isso aí a dona Helena já tinha falado que você ia ser, o que você é hoje, que eu não precisava me preocupar. Porque eu falava: "ah, dona Helena, a Rafaela vai ser revoltada, porque foi criada sem o pai dela, que não sabe quem é o pai dela, criando sem pai". Aí ela falou assim: "não precisa preocupar, não. A Rafaela veio para ser sua filha, e a bagagem dela já tá pronta". Pronto, para mim acabou! Ela falando, parecia assim que foi Deus que iluminou ela para falar, e eu não preocupava não.
>
> Rafaela: nunca preocupa com nada?

> Luzia: não, porque assim... eu acho assim que você é muito pé no chão, você sabe o que é bom para você e o que não é, entendeu? Então acho que você não vai meter os pés pelas mãos, você sabe se cuidar, e isso eu confio em você, entendeu?
>
> [dei uma risada, e ela também]
>
> Rafaela: Então tá, né?
>
> Luzia: Pode até ser que você não sabe, mas eu acho que você sabe!
>
> (Entrevista com Luzia, 2023).

Fiquei tão desconcertada e emocionada ao ouvir tais relatos de minha mãe que surgiu (e só reparei nisso quando ouvia a entrevista) nas minhas perguntas uma falsa tentativa de distanciamento, quando começo a falar em terceira pessoa e lhe pergunto:

> Rafaela: não, porque eu sei, mas eu acho que é importante você falar como que você acha que é a nossa relação, como você enxerga essa relação com a sua filha, como que você acha [que é] essa relação de vocês nesses 23 anos?
>
> Luzia: Ah, tem hora que ela é meio durona comigo, sabe? Mas eu sei que tem muito amor ali reinando no meio daquela coisa, às vezes tem mais cuidado na braveza, mas tem muita braveza assim... fala duro, puxa minha orelha, eu também puxo orelha dela, mas eu acho legal, sim. Às vezes eu me pego pensando assim: que que será que a Rafa tá arrumando lá?! Será que ela tá bem? Sabe?! Eu acho legal! (Entrevista com Luzia, 2023).

A relação entre mim e minha mãe é um espaço seguro criado por nós, mulheres, mães e filhas negras ou racializadas. Nesse constante convívio e partilha de experiências, conseguimos nos tornar apoio, incentivo umas das outras, o que está para além de uma ideia de sororidade ou solidariedade feminina (hooks 2017), mas diz sobre uma partilha de vivências, trajetórias que tornam possíveis processos de autodefinições, de construções de si plurais, que possibilitam enxergar-nos em outros espaços além daqueles controlados.

Considerações (nada) finais

Busquei apresentar, no presente artigo, as reflexões de minha pesquisa de dissertação, especialmente para pensar a posição como filha e antropóloga com minha mãe interlocutora, e como só foi possível realizar a minha pesquisa por essa posicionalidade que ocupei ao lado de minha mãe. Essa escolha tensiona as proximidades e distanciamentos alertados na área da antropologia que podem e devem ser borrados e desafiados, demonstrando, assim, as potencialidades que podem surgir de etnografias realizadas em casa. Entre essas potencialidades, o diálogo feito entre mim e minha mãe sobre a percepção dela a respeito da própria maternidade, conversa que talvez jamais fosse tocada se não fosse pela situação de pesquisa.

Referências Bibliográficas

ABU-LUGHOD, Lila. 2018. "A Escrita Contra a Cultura". *Equatorial*, Natal, v. 5, n. 08, p.193-226. jan-jun. Disponível em:<https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/15615/12025>. Acesso em: 30 nov. 2022.

ANZALDÚA, Gloria. 2005. "La conciencia de la mestiza / rumo a uma nova consciência". *Rev. Estud. Fem.* vol. 13 n. 3, Florianópolis, sept./dec.

BRITES, Jurema Goski. 2000. *Afeto, desigualdade e rebeldia: bastidores do serviço doméstico*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CASTELLITTI, Carolina. 2022. "Mi tía azafata. Retos y aciertos de una investigación antropológica en la familia propia". In: HERRERA, Frida Erika Jacobo; MARTÍNEZ MORENO, Marco Julián. (Coords.). *Las emociones de ida y vuelta. Experiencia etnográfica, método y conocimiento antropológico*. Ciudad de México: Alcaldía Coyoacán. p. 279-296.

COLLINS, Patricia H. 2016. "Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro". *Sociedade e Estado*, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 99–127. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6081>. Acesso em: 09 nov. 2022.

_____. 2019a. "As mulheres negras e a maternidade". In: *Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, consciência, a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo. p.291-328.

_____. 2019b. "Mammies, matriarcas e outras imagens de controle". In: *Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, consciência, a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo. p. 135-178.

_____. 2019c. "O poder da autodefinição". In: *Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, consciência, a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo. p.179-216.

_____. 2019d. "Trabalho, família e opressão das mulheres negras". In: P*ensamento Feminista Negro: Conhecimento, consciência, a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo. p. 99-134.

COPA. 2023. In: *DICIO, Dicionário Online de Português*. Porto: 7Graus. Disponível em:<https://www.dicio.com.br/copa/>. Acesso em 16 de out. 2023.

CRUZ, F. S. M. 2017. "Indígenas Antropólogos e o Espetáculo da Alteridade". *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, [S. l.], v. 11, n. 2. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/15949>. Acesso em: 10 dez. 2022.

DAMÁSIO, Ana Clara S. 2023. "A intimidade do parentesco: e os pedaços da minha mãe". *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 24, n. 64. DOI: 10.22456/1984-1191.130534. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/130534>. Acesso em: 30 maio 2023.

_____. 2022. "O caminho do parentesco ou o parentesco como situação inescusável?". *Revista Equatorial – Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, v. 9, p. 1-13.

_____. 2021b. "Olho de Parente e o Olho Estranho. Considerações etnográficas sobre Viver, Olhar, Ouvir, Escrever e Permanecer". *Novos Debates – Fórum de Debates em Antropologia*, v. 7, p. 1.

_____. 2021c. "Voltando para a origem. Considerações sobre o campo entre parentes e os segredos de família". *Revista Calundu*, v. 4, p. 183.

_____. 2021a. "Etnografia em Casa: entre parentes e aproximações". *Pós - Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais*, v. 16, p. 1-32.

_____. 2020. *Fazer-Família e Fazer-Antropologia uma etnografia sobre cair pra idade, tomar de conta e posicionalidades em Canto do Buriti-PI.* Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

DIAS, Luciana de Oliveira. 2019. "Quase da Família: corpos e campos marcados pelo racismo e pelo machismo". *Revista Humanidades & Inovação*, 6(16): 8-12.

DUARTE, Luiz Fernando Dias; GOMES, Edlaine de Campos. 2008. "A pesquisa na própria

sociedade (e sobre a própria família)". In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; GOMES, Edlaine de Campos. *Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares*. Rio de Janeiro: Editora FGV. p. 31-58.

FIGUEIREDO, Angela. 2020. "Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial". *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr.

GONZALEZ, Lélia. 2020. "Racismo e Sexismo na cultura brasileira". In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Orgs.). *Por um feminismo Afro Latino Americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar. p. 75-93.

HOOKS, bell. 2017. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes.

OLIVEIRA, Leandro. 2023. "A Vida Afetiva dos Antropólogos: etnografia e escritas de si na pesquisa sobre sexualidades, gênero e família". In: SARAIVA, L. A. S.; PESSOA, Sônia Caldas; MANTOVANI, Camila M.C. A. *Metodologias Vulneráveis*. Cachoeirinha: Editora FI. p. 212-257.

RANGEL, E. 2016. "Circulando como filho: etnografando relações familiares através dos bastidores de uma empresa circense". *Revista de Antropologia da UFSCar*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 147–163. DOI: 10.52426/rau.v8i1.157. Disponível em: <https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/157>. Acesso em: 25 maio 2023.

_____. 2015. *Brazilian Dancers: a travessia dos corpos em um circo norte-americano*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro.

STRATHERN, M. 2014. "Os limites da autoantropologia". In: *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify.

Enviado: 14 de agosto de 2024
Aceito: 10 de setembro de 2024

"NUNCA MAIS CONSEGUI SER APENAS FILHA OU APENAS ANTROPÓLOGA": PESQUISANDO MINHA PRÓPRIA MÃE

Resumo
O presente trabalho tem como objetivo discutir, a partir de relatos etnográficos, as dimensões e os desafios de realizar uma etnografia em casa com minha mãe-interlocutora, mobilizando reflexões acerca de como as minhas posicionalidades de filha e antropóloga coexistiram na pesquisa. Busca-se, assim, tensionar as formas de narrar e descrever a vida de interlocutores próximos apresentando debates contemporâneos de antropólogos/as que procuram promover a maior aproximação da antropologia com o Outro pesquisado, bem como se discutem os desafios dessas pesquisas quando realizadas por "corpos Outros", especificamente corpos negros e indígenas. Por fim, a partir de tais revisões, são apresentadas reflexões etnográficas produzidas por mim como uma jovem, negra, estudante de antropologia, que encontra, em sua trajetória de vida, cidade natal, casa de origem e em sua mãe, uma interlocução fundamental para realizar a pesquisa de campo com trabalhadoras domésticas. Assim, apresentam-se inquietações que mobilizam a pensar a produção de uma etnografia em casa, que conta a história do Outro, mas também a história de si, ao ver a relação mãe-filha coexistindo nos lugares de filha-pesquisadora e de mãe-interlocutora, potencializando também diálogos sobre uma maternidade negra como espaço seguro.

Palavras-chave
etnografia em casa; mãe-interlocutora; mulheres negras; trabalho doméstico; posicionalidade.

"I COULD NEVER BE JUST A DAUGHTER OR JUST AN ANTHROPOLOGIST AGAIN": RESEARCHING MY OWN MOTHER

Abstract
This paper aims to discuss, based on ethnographic reports, the dimensions and challenges of conducting an ethnography at home with my mother-interlocutor, thus mobilizing reflections on how my positions as Daughter and Anthropologist coexisted in the research. It thus seeks to tension the ways of narrating and describing the lives of close interlocutors by presenting contemporary debates of anthropologists who seek to promote a greater approximation of anthropology with the Other being researched, as well as discussing the challenges when the "Other bodies" that are producing knowledge, specifically black and indigenous bodies, are presented. Finally, based on such reviews, I present ethnographic reflections produced by me as a young, black, anthropology student who finds in her life trajectory, hometown, and home of origin and in her mother, a fundamental interlocutor for conducting field research with domestic workers. Thus, bringing mobilizing concerns to think about the production of an ethnography at home, which tells the story of the Other, but also the story of oneself, by seeing the mother-daughter relationship coexisting in the places of daughter-researcher and mother-interlocutor, also enhancing dialogues about black motherhood as a safe space.

Keywords
ethnography at home; mother-interlocutor; black women; domestic work; positionality.